

Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo

Mónica Arroyo

✉ mmarroyo@usp.br

Resumo

Neste artigo realizamos uma análise dos circuitos espaciais de produção industrial vinculados ao mercado externo para discutir como o território paulista continua sendo um centro importante da atividade fabril, com fluxos mercantis expressivos que reforçam o caráter internacional de suas operações. Examinamos a multiplicidade de empresas, ramos e sub-ramos industriais bem como o número e a variedade de fluxos existentes no estado de São Paulo. Desse modo, procuramos entender o novo conteúdo que esse pedaço do território nacional ganha na primeira década do século XXI e as formas em que o processo de diferenciação espacial se manifesta.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: território, indústria, comércio internacional, São Paulo.

Introdução

Um caminho para entender a dinâmica territorial do estado de São Paulo pode ser realizado com base em uma análise dos circuitos espaciais de produção industrial que nele convergem e se entrecruzam. Consideramos, neste caso, aqueles circuitos vinculados ao mercado externo para discutir como o território paulista continua sendo um centro importante da atividade fabril, com fluxos mercantis expressivos que reforçam o caráter internacional de suas operações. A multiplicidade de empresas, ramos e sub-ramos industriais bem como o número e a variedade de redes e fluxos existentes no Estado precisam ser considerados para entender o novo conteúdo que esse pedaço do território nacional ganha na primeira década do século XXI.

O território brasileiro e os fluxos internacionais de mercadorias

Os fluxos internacionais de mercadorias expressos nas exportações e importações mostram as relações que distintas frações do território nacional têm com o mundo através da atividade mercantil. Por ser esta última uma das fases do processo geral de produção, ela é também uma manifestação da divisão territorial do trabalho, tanto internacional como interna. A balança comercial - registro contável dos fluxos mercantis - indica a forma diferenciada com que os países e suas regiões se integram nesse movimento.

A balança comercial brasileira foi deficitária nos últimos cinco anos da década de noventa devido, fundamentalmente, ao crescimento das importações. Com efeito, a partir de 1995 a liberalização comercial, combinada com uma valorização do câmbio após o Plano Real, criou um ambiente favorável às compras no exterior. A desvalorização do real em 1999, embora tivesse reduzido sensivelmente a magnitude do saldo deficitário, não conseguiu imediatamente reverter essa situação da balança comercial. Mas, em 2001, o quadro começa a mudar: as exportações aumentam de forma significativa e superam o ritmo de crescimento das importações, tendo como resultado um superávit na balança comercial que se mantém ao longo da primeira década do século XXI (tabela 1).

Tabela 1: Balança comercial – Brasil – 2000 a 2011

Ano	Exportação (US\$1000 FOB)	Importação (US\$1000 FOB)	Saldo (US\$1000 FOB)
2000	55.118.920	55.850.663	-731.743
2001	58.286.593	55.601.758	2.684.835
2002	60.438.653	47.242.654	13.195.999
2003	73.203.222	48.325.567	24.877.655
2004	96.677.497	62.835.616	33.841.882
2005	118.529.184	73.600.376	44.928.809
2006	137.807.470	91.350.841	46.456.629
2007	160.649.073	120.617.446	40.031.627
2008	197.942.443	172.984.768	24.957.675
2009	152.994.742	127.722.343	25.272.399
2010	201.915.285	181.768.427	20.146.858
2011	256.039.575	226.243.409	29.796.166

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior.

Os fluxos de mercadorias gerados pelos estados que compõem a Região Concentrada – conforme denominação de Santos e Ribeiro (1979) – representam mais de 75% do valor exportado anualmente pelo Brasil (tabela 2). É o comportamento dessa fração do território nacional que, em grande parte, explica as tendências do comércio exterior do país.

Tabela 2: Exportações por estados da Região Concentrada % – 2006 a 2011

	2006 %	2007 %	2008 %	2009 %	2010 %	2011 %
Brasil	100	100	100	100	100	100
<i>Região Concentrada</i>	77	78	76	75	76	76
São Paulo	33	32	29	28	26	23
Minas Gerais	11	11	12	13	15	16
Rio de Janeiro	8	9	9	9	10	12
Espírito Santo	5	4	5	4	6	6
Rio Grande do Sul	9	9	9	10	8	8
Paraná	7	8	8	7	7	7
Santa Catarina	4	5	4	4	4	4

Fonte: Elaboração própria com base em informações da Secretaria de Comércio Exterior.

São Paulo ainda ocupa o primeiro lugar como maior estado exportador, embora sua participação nos fluxos gerados apresente um declínio significativo nos últimos cinco anos; isto acontece enquanto as exportações de Minas Gerais e Rio de Janeiro aumentam paulatinamente seu peso no total nacional. Por sua vez, São Paulo é o único estado que gera uma corrente de comércio (exportações mais importações) equivalente a 30% do total dos fluxos mercantis movimentados anualmente pelo Brasil, ao passo que a corrente de comércio gerada por Minas Gerais e Rio de Janeiro seja bastante menor, com 11% e 10% respectivamente. Todavia, cabe observar que no início da década a participação de São Paulo neste movimento era de 40%¹.

O número e a variedade de fluxos que atravessam o território paulista, assim como a diversidade de circuitos espaciais de produção que nele convergem e se entrecruzam justificam uma análise mais detalhada para tentar decifrar o conteúdo que esse estado apresenta na primeira década do século XXI.

A dinâmica dos fluxos internacionais de mercadorias no estado de São Paulo

Os fluxos de mercadorias que partem do estado de São Paulo para o mercado internacional, bem como aqueles que a ele chegam, apresentam um grau de diversificação crescente tanto na sua composição quanto nos mercados de origem e destino.

O peso dos produtos industrializados no total das exportações vem aumentando sistematicamente, chegando a quase 90% em 2011 (53.337.814 US\$FOB). Os produtos básicos, pelo contrário, respondem por parcelas cada vez menores das exportações totais, caindo para menos de 8% (4.604.242 US\$FOB). Entre os produtos manufaturados destacam-se, em 2011, aviões, automóveis, autopeças, motores, tratores rodoviários, terminais portáteis de telefonia celular, papel e cartão, combustíveis e lubrificantes, sucos de laranja congelados; e os produtos semimanufaturados que mais se exportou, em 2011, foram açúcar de cana em bruto, pastas químicas de madeira, entre outros.

A diversificação da pauta exportadora, com crescente participação de produtos manufaturados, revela a densidade industrial do território paulista e a complexidade que sua economia outorga à divisão territorial do trabalho. Cabe

1 Nos últimos dez anos, estimulou-se no Brasil a aplicação de instrumentos de política de desenvolvimento regional, que lentamente vão alterando o quadro das desigualdades regionais, com a ampliação de investimentos públicos e privados fora da Região Concentrada (como no circuito do petróleo e gás e na indústria naval), e com a expansão do número de universidades federais, da rede de escolas técnicas e de institutos federais tecnológicos, dentre outros fatores.

destacar que a composição de sua pauta diversificada de exportações industriais tende a se diferenciar daquela que se especializa exclusivamente em ramos dependentes da disponibilidade de uma ampla base de recursos naturais, associada à produção de bens intermediários – celulose, siderurgia, alumínio, entre outros. Aquilo que para o BNDES são “*commodities* manufaturadas”, ou seja, produtos gerados através de processos industriais que representam um beneficiamento de uma matéria-prima básica e/ou possuem tecnologia amplamente difundida, podendo ser intensivos em escala, além de intensivos em recursos naturais, como nos casos do alumínio bruto, dos produtos siderúrgicos, dos derivados de petróleo e petroquímicos básicos (VEIGA, 1994). O fato de exportar produtos industrializados de alto valor agregado explica o maior dinamismo das exportações que São Paulo apresenta frente a outros estados da Federação.

A diversificação dos mercados compradores é outra característica dos fluxos de mercadorias que anualmente saem do estado de São Paulo. Em termos de blocos econômicos, o Mercosul ocupa o primeiro lugar nos mercados de destino com 19,65% das exportações brasileiras, seguido pela União Europeia com 16,71%, Aladi (excluído o Mercosul) com 14,71%, e Ásia (excluído Oriente Médio) com 12,19%. Em termos dos países de destino, destacam-se Argentina com 16,57% das vendas brasileiras e os Estados Unidos que chegam a 10,44%; China ocupa o terceiro lugar com 4,80%. Cabe ressaltar que desde meados da década de 1990 os países da América Latina – em particular os países do Mercosul – são importantes compradores especialmente de produtos manufaturados não intensivos em recursos naturais.

Contudo a característica mais importante que diferencia São Paulo do resto dos estados brasileiros é o resultado de sua balança comercial com predominância de saldo deficitário, decorrente da dimensão de seu mercado consumidor e, sobretudo, da própria estrutura de sua indústria, que exige elevados fluxos de importação, ou seja, compras do segmento bens de capital, peças para aviões e helicópteros, partes e acessórios para tratores e veículos, partes para aparelhos transmissores, circuitos integrados digitais-analógicos, máquinas e aparelhos mecânicos, dentre outros².

O estado de São Paulo apresentou historicamente um déficit na sua balança comercial até o ano de 2002, quando esta tendência se inverte, sendo superavitária

2 Corresponde assinalar que Santa Catarina e Amazonas também apresentam balança comercial com saldo negativo. Nos últimos dois anos, Santa Catarina apresenta um déficit de -4.396.079, em 2010, e de -5.803.355 em 2011. Por sua vez, o estado do Amazonas, pela presença do Pólo Industrial de Manaus (antiga Zona Franca), tem uma balança comercial cronicamente desfavorável, chegando a ter um saldo de -9.935.933 em 2010 e de -11.815.595 em 2011.

até 2007 (tabela 3). Essa reversão da pauta exportadora se explica, em parte, pelo papel que ganharam algumas *commodities* (açúcar, alumínio, suco de laranja) e, também, pelo crescimento da exportação de alguns produtos industriais de maior conteúdo tecnológico como aviões, automóveis, componentes de telefonia móvel, máquinas e equipamentos.

Tabela 3: Balança comercial – estado de São Paulo – 2000 a 2011

Ano	Exportação (US\$1000 FOB)	Importação (US\$1000 FOB)	Saldo (US\$1000 FOB)
2000	19.810.438	25.621.148	-5.810.710
2001	20.664.443	24.775.976	-4.111.533
2002	20.155.517	19.834.393	321.124
2003	23.149.380	20.330.126	2.819.254
2004	31.167.632	27.103.504	4.064.128
2005	38.142.069	30.492.009	7.650.059
2006	46.146.926	37.046.782	9.100.144
2007	51.734.203	48.418.638	3.315.565
2008	57.702.667	66.351.318	-8.648.650
2009	42.380.660	50.487.973	-8.107.314
2010	52.293.089	67.786.874	-15.493.785
2011	59.909.271	82.160.845	-22.251.574

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior.

Em 2008 o saldo comercial voltou a ser negativo com um aumento crescente das importações ao longo dos últimos quatro anos (2008-2011). Um dos circuitos produtivos com saldo negativo crescente na sua balança comercial é o complexo eletrônico, no qual prevalece a montagem de produtos com base na compra no mercado internacional de kits completos ou de componentes. Como as indústrias instaladas não detêm o ciclo completo de fabricação de circuitos integrados, este segmento tem peso na pauta de importações. Desde 2005, o circuito espacial de produção de automóveis também apresenta um aumento expressivo das importações. Mesma lógica seguiu o mercado de autopeças e de acessórios, até porque as próprias montadoras respondem por parcela significativa das importações de componentes.

Além das exigências desse consumo produtivo, deve ser considerado o aumento das importações para atender o crescimento do consumo consumptivo³, repercutindo em circuitos de manufaturados que sofrem com a concorrência de

3 Consumo final de bens e serviços, que se esgota em si mesmo (SANTOS, 1993).

produtos importados, especialmente chineses, como têxtil, máquinas e equipamentos, aparelhos e materiais elétricos e veículos automotores. Mas todo este quadro se explica, principalmente, pela taxa de câmbio, com o real valorizado frente ao dólar ao longo dos últimos anos.

A apreciação cambial da moeda nacional torna o território mais poroso para fluxos de mercadorias importadas e, ao mesmo tempo, prejudica as exportações pois o produto brasileiro fica mais caro no mercado internacional. Trata-se de uma porosidade territorial que se ajusta pela taxa de câmbio e que cria conflitos entre os agentes envolvidos no comércio exterior.

Poderíamos nos perguntar qual é o dinheiro ligado à exportação e dizer, inspirados na proposta de Milton Santos (2000, p. 99), que se trataria de “um dinheiro nacional que, apesar de um comércio externo crescente, tem a cara do país e é regulado pelo país. Dir-se-ia que esse dinheiro é relativamente comandado de dentro”. Um dinheiro que é regulado pelo Estado nacional face à complexidade das relações internas e externas. Nesse sentido, as controvérsias em torno do câmbio ganham um lugar central na discussão sobre a política nacional de desenvolvimento. Na conjuntura atual, por exemplo, torna-se um tema recorrente tanto no discurso de várias câmaras empresariais e setoriais quanto em seminários de políticos e acadêmicos⁴

Grandes empresas na internacionalização do território

Grande parte da dinâmica econômica do Estado de São Paulo explica-se pela presença de circuitos espaciais de produção associados ao mercado externo. Podemos enumerar aqueles vinculados aos produtos de indústrias de transformação que ocupam o primeiro lugar nas exportações paulistas, entre os quais se destacam: aviões e veículos aéreos, terminais portáteis de telefonia celular, automóveis e veículos pesados, partes e acessórios, máquinas e motores etc. Isto explica o lugar que ocupam no ranking empresas exportadoras como Embraer, Motorola, General Motors, Volkswagen, DaimlerChrysler, Scania, Ford, Toyota, Mercedes-Benz, Caterpillar, muitas das quais são também grandes importadoras (tabelas 5 e 6).

Empresas vinculadas aos circuitos do agronegócio, como produção de carnes,

4 Por exemplo, o seminário “A crise do capitalismo mundial e seu impacto no Brasil” promovido pelas fundações Maurício Grabois (PCdoB), Perseu Abramo (PT), João Mangabeira (PSB) e Alberto Pasqualini-Leonel Brizola (PDT), e realizado no Rio de Janeiro em novembro de 2011. Economistas como Maria da Conceição Tavares, Carlos Lessa, e Luiz Carlos Bresser-Pereira defenderam a desvalorização do real. Maria da Conceição Tavares, ao discutir sobre a política cambial e os juros altos, comenta que é preciso administrar conjuntamente o câmbio e o capital especulativo para diminuir a vulnerabilidade externa e o risco de desindustrialização (ver entrevista concedida à Carta Maior no dia 01/12/2011 www.cartamaior.com.br).

suco de laranja, cana de açúcar e etanol aparecem ocupando destacado lugar no ranking das empresas eminentemente exportadoras, dentre elas Bertin, Friboi, Marfrig, Citrosuco, Cutrale, Fischer, Copersucar, Cosan, São Martinho.

A Petrobrás é uma das maiores empresas importadoras. Há vários fatores que explicam esta situação. Deve destacar-se o fato que o Brasil não atingiu a auto-suficiência na produção de petróleo; as refinarias nacionais ainda não processam o total do petróleo produzido no país. Portanto, os ganhos com a exportação de petróleo não são maiores do que os gastos com a importação; o déficit na balança petrolífera continua, e nos últimos anos o saldo negativo cresceu em razão do aumento do consumo doméstico de derivados, puxado pelo circuito automotivo.

Tabela 4: Principais empresas exportadoras do estado de São Paulo – 2006

Principais empresas	Exportações US\$ FOB	Importações US\$ FOB
EMBRAER	2.599.454.489	1.695.925.479
PETROBRAS	1.920.174.775	3.884.369.771
GENERAL MOTORS DO BRASIL	1.572.638.367	345.810.864
VOLKSWAGEN DO BRASIL LTDA	1.406.845.385	245.035.358
CATERPILLAR BRASIL LTDA	1.117.727.048	674.986.991
MOTOROLA INDUSTRIAL LTDA	1.068.770.091	1.945.946.150
COOP. DE CANA, AÇUCAR E ÁLCOOL	1.068.382.889	s/i
DAIMLERCHRYSLER DO BRASIL	1.065.983.664	459.837.678
SCANIA LATIN AMERICA LTDA	943.449.216	s/i
COMPANHIA SIDERURGICA PAULISTA	829.888.823	270.224.560
BERTIN LTDA	727.630.078	s/i
FORD MOTOR COMPANY BRASIL	651.208.573	131.394.780
SUCOCITRICO CUTRALE LTDA	617.867.603	s/i
COSAN S/A INDÚSTRIA E COMERCIO	564.498.476	s/i
COMPANHIA BRASILERIA DE ALUMÍNIO	454.171.749	s/i
TOYOTA DO BRASIL LTDA	387.006.835	246.827.463
STAREXPORT TRADING S.A	384.680.799	s/i
CITROSUCO PAULISTA S/A	372.232.684	s/i
FRIBOI LTDA	369.754.354	s/i
ROBERT BOSCH LIMITADA	334.634.684	236.026.262
GOODYEAR DO BRASIL PRODUTOS DE BORRACHA LTDA	269.194.271	216.308.069
FLEXTRONICS INTERNATIONAL TECNOLOGIA LTDA	243.825.765	465.239.204

Nota: s/i sem informação sobre as importações realizadas pela empresa em 2006.

Fonte: Elaboração própria com base em informações da Secretaria de Comércio Exterior.

É interessante observar que grandes empresas do circuito espacial de produção de eletrônicos, como a Motorola e a Flextronics International Tecnologia, recebem um volume maior de importações que de exportações; e, da mesma forma, em 2011 a Basf, no circuito químico, e a Goodyear, também contribuindo com a tendência deficitária da balança comercial.

A isto se soma a presença de empresas importadoras, que não necessariamente participam do fluxo de exportações⁵. No caso dos eletrônicos aparecem, em 2011, Samsung Eletrônica da Amazônia (1.677.994.5870), LG Electronics de São Paulo (788.603.874), Foxconn Indústria de Eletrônicos (739.253.062), Dell Computadores do Brasil (633.328.687), Ericsson Telecomunicações (415.465.797), Hewlett-Packard Brasil (291.713.117); no circuito automotivo Honda Automóveis do Brasil (999.246.974) e BMW do Brasil (424.003.561); e no circuito farmacêutico Novartis Biociência (581.305.247), Abbott Laboratórios do Brasil (353.645.680) e Aventis Pharma Ltda. (325.115.144)⁶.

Trata-se, na maioria dos casos, de grandes empresas multinacionais automobilísticas, de eletrônicos, de fármacos e química fina que ainda mantêm, no processo de produção, o coeficiente de nacionalização muito baixo, por isso a necessidade das importações e, conseqüentemente, uma balança comercial negativa.

5 Essas empresas não aparecem nas tabelas 5 e 6 porque, na hora de confeccionar ambas as tabelas, privilegiou-se o ranking das empresas exportadoras (que compôs a primeira coluna das tabelas) e, com base nessa lista, completou-se a coluna das importações.

6 Do lado do nome de cada empresa indicamos, entre parêntesis, o valor das importações em US\$ FOB para 2011. Cabe observar que nas estatísticas de comércio exterior todos os valores são calculados em dólar *free on board* (FOB), ou seja, sem a incidência de taxas e tributos.

Tabela 5: Principais empresas exportadoras do estado de São Paulo – 2011

Principais empresas	Exportações US\$ FOB	Importações US\$ FOB
EMBRAER S.A.	4.018.175.251	2.774.722.913
COPERSUCAR-COOP. DE PROD. CANA	2.031.317.489	s/i
PETROBRAS	1.944.426.551	10.126.252.755
CATERPILLAR BRASIL LTDA	1.819.428.392	985.135.850
RAIZEN ENERGIA S.A	1.777.404.170	s/i
GENERAL MOTORS DO BRASIL LTDA	1.685.516.135	866.169.129
VOLKSWAGEN DO BRASIL LTDA	1.511.627.729	647.562.437
MERCEDES-BENZ DO BRASIL LTDA.	1.272.381.340	691.690.037
FORD MOTOR COMPANY BRASIL LTDA	1.029.827.749	268.885.150
SUCOCITRICO CUTRALE LTDA	1.027.622.674	s/i
SCANIA LATIN AMERICA LTDA	982.464.608	745.810.588
MARFRIG FRIGORÍFICOS E COM. DE ALIM. LTDA	808.959.554	s/i
JBS S/A	792.852.741	s/i
TOYOTA DO BRASIL LTDA	684.590.028	510.185.141
FISCHER S A COM. IND. E AGRIC.	593.066.386	s/i
MINERVA S.A.	512.688.830	s/i
FIBRIA CELULOSE S/A	510.972.146	s/i
AJINOMOTO DO BRASIL IND. E COM.	510.735.265	s/i
SAO MARTINHO S/A	507.493.016	s/i
BASF AS	405.269.806	979.768.133
GOODYEAR DO BRASIL PRODUTOS DE BORRACHA LTDA	268.275.061	567.382.553

Nota: s/i sem informação sobre as importações realizadas pela empresa em 2011.

Fonte: Elaboração própria a partir de informações da Secretaria de Comércio Exterior.

Na tendência ao fortalecimento dos fluxos mercantis colaboram, também, as empresas especializadas em comércio exterior – as chamadas *trading companies*. As *trading* são, muitas vezes, empresas independentes mas, muitas outras, são parte de um grupo econômico⁷. Parte das empresas multinacionais industriais, por exemplo, criam sua própria *trading* para suprimento de matérias-primas e para a comercialização de seus produtos. Dessa maneira, ao garantir sua presença no

⁷ É interessante resgatar uma pesquisa realizada em 1998 com usinas exportadoras de açúcar (NEVES, 2000), na qual foram levantadas as vantagens e desvantagens advindas do uso das *trading*. As principais vantagens citadas são a segurança de receber o pagamento, pois a *trading* assume o risco financeiro, negocia volumes grandes, fornece carta de crédito e adiantamentos e fica com custos de prospecção e desenvolvimento de mercados. As desvantagens de usar as *trading* são agregação de custos (redução de preços); não conhecimento do cliente final (não existência de fidelidade nem garantia de continuidade – estabilidade da relação); a usina entrega as mercadorias e a *trading* especula. Os fatores de força competitiva das *trading* são, conforme essa pesquisa, dimensão, poder financeiro e escala, variedade de produtos, flexibilidade e agilidade, domínio de informações, logística de navios e presença global.

comércio internacional, elas podem conservar maior controle sobre o circuito de produção. A topologia que desenham essas empresas se estende em todas as direções do globo, acusando permanentes transformações em função das oportunidades de negócio. Como empresas especializadas em promover a circulação de mercadorias, elas reforçam a porosidade dos territórios, produzindo suas próprias normas.

Nesse universo de modernas empresas de exportação e importação, várias se destacam no ranking do Estado de São Paulo. Por exemplo, a Starexport Trading associada às transações comerciais do circuito espacial automotivo. Conforme mostra a pesquisa de Rafael Muniz Pacchiega (2010), essa *trading* exporta mais de 130 produtos relacionados à montagem de veículos – como volantes, aparelhos de circuito elétrico para carros, juntas de vedação, eixos de transmissão, radiadores, dentre outros. Também destaca a Sumimoto que atua com um conjunto diversificado de mercadorias; mais de 40 tipos de produtos, como soja, compressores para equipamentos frigoríficos, granito, bombas de ar, aparelhos de ar condicionado, sucos e extratos vegetais, tubas de ligas de alumínio. Especialmente na importação de produtos eletroeletrônicos, automotivos, químicos, farmacêuticos, cosméticos e equipamentos de bens de capital, sobressai a *trading* Cisa com filiais no Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco.

As sedes das *trading* localizam-se principalmente na metrópole de São Paulo, já que sua densidade informacional contribui para a formação de uma produtividade espacial apta às operações de comércio exterior. Somente a cidade de São Paulo abriga 21 escritórios sedes das 35 *trading companies* que atuam no estado de São Paulo (PACCHIEGA, 2010).

O denso tecido de atividades quaternárias da metrópole representa, sem dúvida, uma vantagem para o funcionamento das empresas especializadas em comércio exterior. A expansão dos escritórios que prestam consultoria jurídica e comercializam informações sobre controle cambial dos países, barreiras alfandegárias, carga tributária, legislação de patentes, fusões e aquisições e mercados supra-regionais, entre outros, tende a reforçar as relações de cooperação que as *trading* necessitam para operar. Por sua vez, essas empresas colaboram para a tendência à internacionalização da metrópole.

Da diversidade produtiva à diferenciação territorial

Uma das características que diferencia São Paulo de outros estados brasileiros é a combinação de dois fatores: por um lado, a corrente de comércio que gera –

isto é, o volume das transações comerciais, que representam em torno de 30% do total negociado pelo Brasil no mercado internacional; e, por outro, o resultado de sua balança comercial com saldo deficitário, decorrente tanto da própria estrutura de sua indústria, que exige elevados fluxos de importação, quanto da dimensão de seu mercado consumidor final, associado ao maior contingente populacional do país.

Esta situação denota o papel de São Paulo na divisão territorial do trabalho em escala nacional, concentrando ao longo do século XX um alto volume de investimentos públicos e privados que facilitaram a expansão da atividade econômica e, concomitantemente, aceleraram a construção de sistemas de engenharia que lhe servem como base material. De todo modo, diferenciações territoriais configuram-se no interior do estado, e se manifestam também na esfera das trocas comerciais.

Das quinze regiões nas quais se divide administrativamente o estado de São Paulo, três delas concentram, em 2006, 70% das exportações: Região Metropolitana de São Paulo (36%), Região Administrativa de Campinas (21%) e Região Administrativa de São José dos Campos (15%). Na década anterior, essas três regiões também concentravam 70% das exportações estaduais mas numa proporção um pouco diferente conforme mostram os dados de 1996: Região Metropolitana de São Paulo (41%), Campinas (17%), São José dos Campos (12%). Este indicador pode estar mostrando a tendência ao processo de desconcentração geográfica que experimenta a indústria no estado de São Paulo.

Ao encontro desse processo, observa-se o surgimento de condomínios empresariais – esses novos empreendimentos imobiliários que visam atrair a implantação de unidades industriais e de serviços, estudados por Rodolfo Finatti (2011). Na metade da década de 1990 estes empreendimentos começaram a ser implantados nas Regiões Metropolitanas de São Paulo e Campinas para, em seguida, aparecer em outros centros urbanos como Jundiaí, São José dos Campos, Sorocaba, São Carlos e Ribeirão Preto. Como explica Finatti (2011), fatores populacionais e econômicos associados a estas áreas funcionam como atrativo na medida em que indicam a presença de força de trabalho especializada e a existência de eixos de circulação rodoviários com alta qualidade técnica, que permitem uma fluidez territorial mais intensa.

Tabela 6: Empresas exportadoras por regiões administrativas do estado - 2006

Regiões Administrativas	Empresas por faixa de valor de exportação (US\$ milhões/ano)					Total
	> 100	> 60 a 100	> 10 a 60	> 1 a 10	até 1	
Total do estado	85	64	425	1338	5721	7633
R. M. de São Paulo	30	24	159	585	3358	4156
Campinas	18	23	96	330	1111	1578
Sorocaba	3	1	40	98	291	433
S. José dos Campos	12	2	27	73	164	278
Franca	1	2	9	42	156	210
Ribeirão Preto	2	2	13	36	115	168
Santos	4	2	20	31	97	154
Central	3	2	13	29	88	135
S. José de Rio Preto	1	3	12	35	82	133
Bauru	5	0	6	25	95	131
Marília	0	0	8	18	64	90
Araçatuba	1	1	7	10	46	65
Presidente Prudente	2	0	7	15	32	56
Barretos	3	2	8	6	16	35
Registro	0	0	0	5	6	11

Fonte: Elaboração própria com base em informações da Secretaria de Comércio Exterior.

No conjunto variado de empresas exportadoras que o estado de São Paulo apresenta em 2006 (um total de 7633), destacam-se quantitativamente as empresas exportadoras de pequeno e médio porte (5721 e 1338 empresas respectivamente), cujas vendas ao exterior não ultrapassam 10 milhões de dólares por ano, frente a um número reduzido de grandes exportadoras (85 empresas), com exportações de mais de 100 milhões de dólares ao ano, que concentram uma alta proporção do valor total das vendas externas brasileiras (tabela 6).

As empresas exportadoras compõem um quadro bastante diversificado, no qual coexistem empresas com grandes diferenças de tamanho, permanência na atividade e disponibilidade de recursos financeiros e técnicos. A segmentação do mercado autoriza a coexistência dessa variedade de formas de realização econômica que, simultaneamente, trabalham segundo diferentes taxas de lucro. Trata-se, de qualquer modo, de empresas do circuito superior da economia urbana, já que as exigências do comércio internacional constituem um obstáculo para que esse tipo de empresas possa se desenvolver no circuito inferior.

É interessante observar como a Região Metropolitana de São Paulo congrega o maior número de empresas exportadoras, que representam 54% do total estadual (tabela 6). Por sua vez, esta metrópole, junto com a Região Administrativa de Campinas, concentram 75% das empresas exportadoras, criando um forte desequilíbrio em relação ao interior do estado. Esta tendência, inclusive, se reforça quando observamos que somente cinco regiões administrativas contam com 90% das empresas exportadoras: Região Metropolitana de São Paulo (54%), Campinas (21%), Sorocaba (6%), São José dos Campos (4%) e Franca (3%).

As áreas não metropolitanas do estado participam de forma mais tímida no comércio internacional, com um número reduzido de empresas exportadoras. Destacam-se principalmente aqueles circuitos vinculados à produção de commodities, como alumínio, açúcar, suco de laranja e carnes congeladas, com grandes empresas liderando o ranking.

Tabela 7: Balança comercial do estado de São Paulo, por municípios - 2006

Cidade	Exportação (US\$1000 FOB)	Importação (US\$1000 FOB)	Saldo (US\$1000 FOB)	Corrente (US\$1000 FOB)
Total do estado	50.111.074.861	37.077.171.397	13.033.903.464	87.188.246.258
São Paulo	7.151.803.246	6.479.361.528	672.441.718	13.631.164.774
S. José dos Campos	4.907.331.367	2.917.879.562	1.989.451.805	7.825.210.929
São Bernardo	4.491.444.312	1.823.519.737	2.667.924.575	6.314.964.049
Santos	3.047.006.405	480.478.303	2.566.528.102	3.527.484.708
Piracicaba	2.171.063.508	817.735.327	1.353.328.181	2.988.798.835
Guarulhos	1.857.825.090	1.409.854.672	447.970.418	3.267.679.762
Jaguariúna	1.514.226.865	2.335.878.074	-821.651.209	3.850.104.939
Campinas	1.457.765.157	1.380.458.955	77.306.202	2.838.224.112
Sorocaba	1.055.761.794	1.187.519.550	-131.757.756	2.243.281.344
Araraquara	767.570.275	18.513.043	749.057.232	786.083.318
São Sebastião	726.116.673	3.625.484.483	-2.899.367.810	4.351.601.156
Lins	723.758.912	61.188.943	662.569.969	784.947.855
Taubaté	699.933.371	1.057.908.504	-357.975.133	1.757.841.875
Santo André	695.473.945	484.628.858	210.845.087	1.180.102.803
Suzano	679.259.695	494.992.957	184.266.738	1.174.252.652
Barueri	607.596.066	1.572.449.491	-964.853.425	2.180.045.557
Pindamonhangaba	568.419.817	232.211.847	336.207.970	800.631.664
Matão	561.031.491	6.177.673	554.853.818	567.209.164
Sumaré	493.226.631	711.772.778	-218.546.147	1.204.999.409
Promissão	490.153.470	522.390	489.631.080	490.675.860
Alumínio	455.812.125	187.034	455.625.091	455.999.159
Indaiatuba	452.649.911	334.338.955	118.310.956	786.988.866

Fonte: Elaboração própria com base em informações da Secretaria de Comércio Exterior.

A balança comercial do estado também evidencia que a aglomeração paulistana continua sendo um centro importante da atividade fabril, com fluxos expressivos de exportações, que reforçam o caráter internacional da escala de suas operações. Em 2006, seis municípios da RMSP (São Paulo, São Bernardo, Guarulhos, Santo André, Suzano e Barueri) detinham 30% do total das exportações paulistas (tabela 6). Trata-se de municípios que apresentam um tecido industrial denso e complexo, cujo consumo produtivo tende a se expandir e a representar uma parcela importante das compras no exterior, ampliando a abrangência de suas interações espaciais.

Com essas características encontram-se, também, municípios como São José dos Campos, Taubaté, Sorocaba, Campinas, Jaguariúna, Sumaré e Indaiatuba, com importante participação dos circuitos industriais aeroespacial, automotriz, de eletro-eletrônicos, metalúrgicos e químicos. Isto leva, inclusive, ao fato de vários desses municípios apresentarem saldo negativo em sua balança comercial (Jaguariúna, Sorocaba, Taubaté, Barueri, Sumaré). Em 2011, repete-se o mesmo desempenho e são incorporados alguns municípios também com balança desfavorável (São Paulo, Campinas, Santo André, Cubatão, Suzano) (tabela 8). São Sebastião e Paulínia, por sua vez, explicam seu déficit comercial pela presença do circuito do petróleo.

É importante mencionar a presença de portos secos e, em especial, dos Centros Logísticos Industriais Aduaneiros (CLIAS)⁸ que denotam a força do aglomerado metropolitano. Conforme mostra a pesquisa de Lucas Penha (2010), no Brasil funcionam cinco CLIAS, todos em território paulista (três em Santos, um no Guarujá e um em Suzano). Mas a área de atuação deles (em conjunto com os aeroportos e portos envolvidos e com as fábricas-clientes beneficiadas com os serviços prestados) engloba os limites dados pelas regiões de governo de Campinas, Sorocaba, Santos e São José dos Campos, com seu centro na Região Metropolitana de São Paulo. Nestes recintos, como nos portos secos, o regime de entreposto aduaneiro na importação permite que a carga importada permaneça, com suspensão de impostos, e só venha a ser nacionalizada quando demandada (momento em que os impostos são pagos).

⁸ Os CLIAS são recintos alfandegados em zona secundária criados pela Receita Federal para a facilitação dos procedimentos de importação e exportação de mercadorias, apresentando-se como alternativas aos portos e aeroportos (PENHA, 2010).

Tabela 8: Balança comercial do estado de São Paulo, por municípios - 2011

Cidade	Exportação (US\$1000 FOB)	Importação (US\$1000 FOB)	Saldo (US\$1000 FOB)	Corrente (US\$1000 FOB)
Total Estado	65.188.678.111	82.221.156.524	17.032.478.413	147.409.834.635
São Paulo	8.976.402.828	14.838.213.678	-5.861.810.850	23.814.616.506
S. J. dos Campos	5.787.767.800	3.563.375.521	2.224.392.279	9.351.143.321
Santos	5.218.167.800	1.698.643.200	3.519.524.600	6.916.811.000
São Bernardo	4.996.325.426	3.661.641.915	1.334.683.511	8.657.967.341
Guarulhos	2.725.322.747	2.817.099.231	-91.776.484	5.542.421.978
Piracicaba	2.232.693.476	1.650.848.129	581.845.347	3.883.541.605
Sorocaba	1.669.350.028	3.159.622.616	-1.490.272.588	4.828.972.644
Taubaté	1.211.499.102	2.427.669.853	-1.216.170.751	3.639.168.955
Campinas	1.095.374.095	3.642.452.358	-2.547.078.263	4.737.826.453
Araraquara	1.092.303.601	124.882.361	967.421.240	1.217.185.962
Promissão	947.883.362	195.139	947.688.223	948.078.501
Santo André	940.176.283	1.023.213.016	-83.036.733	1.963.389.299
Matão	873.501.901	31.172.918	842.328.983	904.674.819
São Caetano	836.133.367	286.196.575	549.936.792	1.122.329.942
Cubatão	831.694.297	1.651.695.569	-820.001.272	2.483.389.866
Paulínia	818.536.240	1.994.808.625	-1.176.272.385	2.813.344.865
Suzano	705.483.442	1.064.758.322	-359.274.880	1.770.241.764
Catanduva	685.175.292	9.456.182	675.719.110	694.631.474
Indaiatuba	657.781.619	1.012.843.547	-355.061.928	1.670.625.166
Barueri	623.103.431	2.642.715.805	-2.019.612.374	3.265.819.236
Sumaré	569.301.579	1.492.240.161	-922.938.582	2.061.541.740

Fonte: Elaboração própria com base em informações da Secretaria de Comércio Exterior.

Municípios como Araraquara, Matão, Promissão, Lins e Catanduva apresentam fluxos de exportações bastante superiores ao volume dos fluxos de importação, devido principalmente ao predomínio da atividade sucroalcooleira e, em menor medida, a laranja. Catanduva abriga uma unidade da Citrovita (Grupo Votorantim) para fabricação de suco de laranja. E no município de Lins se destaca a presença do grupo JBS Friboi associado à produção de carnes.

Considerações finais

Observamos detidamente o estado de São Paulo para examinar a dinâmica dos fluxos internacionais de mercadorias, fundamentalmente vinculados à atividade

industrial, e seu significado no processo de suavização ou aprofundamento dos desequilíbrios territoriais. O número e a variedade dos fluxos que o atravessam, assim como a diversidade de circuitos espaciais de produção industrial que nele convergem e se entrecruzam, permitem entender o conteúdo que essa fração do território nacional apresenta na primeira década do século XXI.

A pauta exportadora do estado de São Paulo está constituída basicamente por produtos industrializados (manufaturados e semi-manufaturados) que respondem, desde 1997, por mais de 90% do total estadual. É uma pauta altamente diversificada, que inclui de produtos semi-elaborados (açúcares e produtos de confeitaria, preparações de produtos vegetais, carnes congeladas, extratos tanantes e tintoriais, borracha sintética e artificial etc.) a produtos de maior conteúdo tecnológico (aeronaves, automóveis, locomotivas e trilhos, terminais portáteis de telefonia celular, maquinaria elétrica, instrumentos de óptica, de precisão, cirúrgicos, etc.).

Os mercados de origem e destino dos fluxos de mercadorias também são diversificados, sendo as exportações distribuídas de forma relativamente equilibrada entre os principais blocos de comércio.

Os circuitos espaciais de produção industrial, formados por uma multiplicidade de empresas e ramos, se desenvolvem em diferentes porções do território, em particular nas áreas comandadas pelas cidades de São Paulo, Campinas e São José dos Campos. A presença de grandes empresas ligadas à produção de bens de alto valor agregado e conteúdo tecnológico é uma característica distintiva destas áreas. A tal comportamento industrial corresponde um destacado desempenho na agenda de exportação. São estas três aglomerações urbanas que compõem o núcleo duro desse processo e que, de certa forma, ditam o ritmo da dinâmica territorial paulista. Por sua vez, as áreas não metropolitanas participam de forma menos expressiva nas correntes de comércio internacional, com circuitos vinculados sobretudo à produção de commodities, como alumínio, açúcar, suco de laranja e carnes congeladas.

Trata-se, portanto, de um processo que aprofunda a diferenciação geográfica do estado, com áreas mais complexas que internamente apresentam uma maior divisão do trabalho. A densidade informacional dessas áreas representa uma vantagem para o funcionamento das empresas industriais que operam no comércio exterior e, por sua vez, essas empresas colaboram para a tendência à internacionalização de alguns centros urbanos paulistas. Nesse movimento de circulação diferenciada do excedente se reproduz uma hierarquia espacial, em permanente renovação.

O processo de concentração e centralização do capital, ampliado nos últimos anos, carrega um aprofundamento do uso hierárquico do território, por serem as empresas mais concentradas as que dispõem de maiores vantagens para usufruir das virtualidades técnicas e políticas oferecidas pelos lugares. Este processo autoriza aquelas três áreas, sobretudo a Região Metropolitana de São Paulo, a exercer sua influência na divisão territorial do trabalho, através das redes de relações que São Paulo centraliza e comanda.

Ao lado de situações regionais diferenciadas, a primazia da metrópole permanece. A divisão territorial do trabalho, ao mesmo tempo em que promove uma dispersão geográfica das atividades produtivas, favorece as forças da concentração.

O dinamismo assim impresso pelos fluxos internacionais de mercadorias, especialmente industriais, no território estadual paulista é um caminho fértil para desvendar a forma com que atualmente operam os processos de seletividade espacial.

Bibliografia

- ARROYO, Mónica. *Território nacional e mercado externo. Uma leitura do Brasil na virada do século XX*. Tese (Doutorado). FFLCH/USP, 2001.
- ARROYO, Mónica. "São Paulo e os fluxos internacionais de mercadorias: a espessura de uma região metropolitana", in CARLOS, Ana Fani e OLIVEIRA, Ariovaldo (org.), *Geografias de São Paulo. A metrópole do século XXI*, Contexto, São Paulo, 2004, p.85-103.
- ARROYO, Mónica. "Dinâmica industrial e uso do território: circuitos produtivos internacionalizados", in Anais do XVI Encontro de Geógrafos Brasileiros, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Porto Alegre, 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato. "Interações espaciais", in CASTRO, Iná; GOMES, Paulo César e CORRÊA, Roberto (org.), *Explorações geográficas. Percursos no fim do século*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1997, p. 279-318.
- FINATTI, Rodolfo. *Condomínios empresariais nas áreas metropolitanas do Estado de São Paulo: produção imobiliária e localização da indústria*, Dissertação (Mestrado). FFLCH/USP, 2011.
- LENCIONI, Sandra. "Cisão territorial da indústria e integração regional no Estado de São Paulo", In GONÇALVES, M. F., BRANDÃO, C.A. e GALVÃO, A.C., *Regiões e cidades, cidades nas regiões. O desafio urbano-regional*, São Paulo: Editora UNESP/ANPUR, 2003, p. 465-475.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. "Los circuitos espaciales de la producción y los círculos de cooperación en el espacio", in YANES, Luis e LIBERALI, Ana María, *Aportes para el estudio del espacio socioeconómico*, tomo III, El Coloquio, Buenos Aires, 1991, p.151-177.
- NEVES, Marcos Fava. "Marketing e canais de distribuição de commodities", in LIRIO, Viviani Silva e GOMES, Marília, *Investimento privado, público e mercado de commodities*, Viçosa, 2000, pp. 49-71.
- PACCHIEGA, Rafael Muniz. "Reestruturação urbana, lugares complexos e fluxos internacionais de mercadorias: a atuação das estações aduaneiras do interior e das trading companies na cidade de São Paulo", in XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIMPURB), Belo Horizonte, 2011.

- PENHA, Lucas. *Os Centros Logísticos e Industriais Aduaneiros e a atual indústria paulista*. Dissertação (Mestrado). FFLCH/USP, 2010.
- SANTOS, Milton. *Economia Espacial: Críticas e Alternativas*, Hucitec, São Paulo, 1979.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*, Hucitec, São Paulo, 1988.
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*, Hucitec, São Paulo, 1993.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Record, Rio de Janeiro, 2000.
- SANTOS, Milton e RIBEIRO, Ana Clara Torres. *O conceito de região concentrada*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, IPPUR e Departamento de Geografia, mimeo, 1979.
- SPOSITO, Eliseu, SPOSITO, M. Encarnação e SOBARZO, Oscar (org.) *Cidades médias. Produção do espaço urbano e regional*, São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.
- VEIGA, Pedro da Motta. "O comércio exterior industrial do Brasil: um novo ciclo de crescimento?", *Texto para Discussão*, nº 100, Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior, Rio de Janeiro, dezembro/1994.

Sobre a autora

Mónica Arroyo: geógrafa pela UBA (Universidad de Buenos Aires), mestre em Integração da América Latina pela USP (Universidade de São Paulo) e doutora em Geografia Humana pela USP. Atualmente é professora doutora no Departamento de Geografia da USP, tendo lecionado também na Universidad de Buenos Aires, na Universidade Federal do Paraná e, como professora convidada, na Unicamp.

* * *

ABSTRACT

Spatial circuits of industrial production and international flows of goods in the territorial dynamics of the state of Sao Paulo

This paper presents an analysis of spatial circuits of industrial production connected to the external market, to discuss how the territory of São Paulo remains an important center of industrial activity, with significant market flows that reinforce the international character of its operations. We analyze the multiplicity of companies, industrial branches and sub-branches as well as the number and variety of flows in the state of São Paulo. We seek to understand the new content that this part of the national territory gained in the first decade of this century and the ways in which the process of spatial differentiation is manifested.

KEYWORDS: territory, industry, internacional commerce, São Paulo.

RESUMEN

Circuitos espaciales de producción industrial y flujos internacionales de mercancías en la dinámica territorial del estado de San Pablo

En este artículo realizamos un análisis de los circuitos espaciales de producción industrial vinculados al mercado externo para discutir como el territorio paulista continua siendo un centro importante de la actividad fabril, con flujos mercantiles expresivos que refuerzan el carácter internacinal de sus operaciones. Examinamos la multiplicidad de empresas, ramos e sub-ramos industriales así como el número y la variedad de flujos existentes en el Estado de San Pablo. Desde esa perspectiva, intentamos entender el nuevo contenido que esa proción del territorio nacional adquiere en la primera década del siglo XXI y las formas en que el proceso de diferenciación espacial se manifiesta.

PALABRAS CLAVE: territorio, industria, comercio internacional, San Pablo.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>

Artigo recebido em fevereiro de 2012. Aprovado em março de 2012.